

## **Trama Urbana:**

### **As Narrativas de Lugar a partir do Jornalismo Contemporâneo<sup>1</sup>**

Ronaldo Velho BUENO<sup>2</sup>

Maria Luiza Cardinale BAPTISTA<sup>3</sup>

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

#### **Resumo**

Este artigo pretende discutir o potencial comunicativo das narrativas de lugar, a partir de pressupostos do jornalismo contemporâneo. O referencial teórico é transdisciplinar, envolvendo autores que abordam os conceitos de comunicação e narrativa, as correntes clássica e contemporânea do jornalismo, além de aspectos da urbanidade. Do ponto de vista metodológico, utiliza-se abordagem com orientação qualitativa, associando a cartografia bibliográfica com os relatos de observação participante na linha principal do transporte coletivo de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. Como resultados iniciais, é possível perceber que a cidade é um texto complexo e que, nos deslocamentos urbanos, se produzem narrativas sinalizadoras dessa complexidade. As cidades carregam um potencial de comunicação, que podem ser percebidas ricamente no transporte coletivo.

**Palavras-chave:** narrativa de lugar; jornalismo contemporâneo; espaço urbano; transporte coletivo.

#### **Estação de embarque**

O presente artigo propõe o debate sobre o papel desempenhado pelos textos cotidianos, no processo de redescoberta dos nossos lugares de existência. Um esforço que caminha no sentido de uma comunicação humanizada e cidadã, socialmente engajada e coerente com o dinamismo cultural da contemporaneidade. O objetivo geral

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de graduação em Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista voluntário do Projeto de Pesquisa “Trama Amorcomtur!” (CNPq-UCS). Integrante do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. E-mail: [ronaldovelhobueno@gmail.com](mailto:ronaldovelhobueno@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS. Pesquisadora com apoio CNPq. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP). Editora associada da RBTur. Pesquisadora visitante sênior da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com apoio FAPEAM. Pesquisadora Iberoamericana (edital UCS/SANTANDER). E-mail: [malu@pazza.com.br](mailto:malu@pazza.com.br)

---

consiste em analisar as narrativas de lugar produzidas em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, sob a ótica do jornalismo contemporâneo.

O recorte de pesquisa são os textos cotidianos produzidos na principal linha do transporte coletivo da cidade, a TR-01. Conhecida popularmente como *linha vermelha*, devido à coloração dos veículos que fazem o trajeto, ela é responsável por transportar milhares de passageiros diariamente. Em suma, um prato cheio de histórias para os apreciadores do jornalismo de profundidade.

A abordagem teórica é transdisciplinar, percorrendo, inicialmente, textos que trazem a conceituação de narrativa e gêneros jornalísticos, com destaque para as contribuições de Ciro Marcondes Filho (2008), Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1986). Em seguida, o referencial contempla autores que traçam um panorama histórico do tema, como Nelson Traquina (2005), e mergulha nas correntes contemporâneas do jornalismo. Neste campo, vale destacar o *Jornalismo Literário Avançado*, de Edvaldo Pereira Lima (1993 e 2013), e o *Jornalismo Amoroso*, de Maria Luiza Cardinale Baptista (2012). A discussão sobre os aspectos da urbanidade e a relação sujeito-território é fundamentada nos estudos alinhados à Geografia Crítica, ressaltando os trabalhos de Milton Santos (2008) e David Harvey (2012). Já a reflexão sobre a construção do imaginário nos centros urbanos encontra respaldo, principalmente, em Susana Gastal (2006).

Em relação aos aspectos metodológicos, optou-se por uma abordagem com orientação qualitativa, de cunho exploratório. Para o desenvolvimento deste estudo, recorreremos à estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, uma espécie de guarda-chuva capaz de abrigar instrumentos e práticas de pesquisa. Podemos destacar, neste caso, a associação de levantamento bibliográfico com os relatos de observação participante no cenário urbano de Caxias do Sul. Localizada na região serrana do Rio Grande do Sul, a cidade é marcada pelo encontro de culturas e etnias, ambiente que favorece o surgimento de narrativas vivas e complexas. Com população estimada em mais de 470 mil habitantes<sup>4</sup>, o município se constitui como a segunda maior aglomeração urbana do Estado e a quinta maior da região Sul do Brasil.

Este trabalho é fruto de questionamentos levantados nas reuniões semanais do *Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese* (CNPq/UCS). As rodas de conversa, conhecida como Encontros Caóticos da

---

<sup>4</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=430510>> Acesso em 23 mar. de 2017.

Comunicação e do Turismo, são de fundamental importância para o amadurecimento das reflexões apresentadas ao longo do texto. A produção está vinculada ao projeto de pesquisa *Trama Amorcomtur!*, trabalho que vem sendo desenvolvido no mestrado em Turismo e na graduação em Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul, com a coordenação da professora Maria Luiza Cardinale Baptista.

### **Texto cidade: Comunicação e narrativa**

Ao iniciarmos a jornada pelos olhares que compõem o referencial teórico deste artigo, é preciso levar em consideração que toda cidade é um texto, por um contexto histórico, social, econômico e político. Nessa linha de abordagem, Rolnik (1995) descreve que “[...] a cidade é antes de mais nada um imã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia” (ROLNIK, 1995, p. 13). Ou seja, a definição de Rolnik nos indica que o aspecto fundamental que caracteriza uma cidade é a sua capacidade de atrair e reunir seres humanos. Em outras palavras, um campo aberto para a interação.

Ao abordar a cidade como uma espécie de escrita histórica e social, Rolnik explora o potencial comunicativo dos aglomerados urbanos:

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 1995, p. 17)

A partir das considerações formuladas por Rolnik, podemos dizer que todo espaço urbano carrega um potencial de comunicação, favorecido pelas narrativas que enriquecem nosso cotidiano. Mas o que são as narrativas de lugar e suas principais características?

Primeiramente, é importante observar que não estamos nos referindo a textos escritos ou falados, necessariamente, uma vez que o processo comunicacional é complexo e abrange os fluxos extralinguísticos. Desde o momento em que acordamos, estamos interagindo com o ambiente externo e com as pessoas ao nosso redor. Esse movimento nos faz tecer, voluntária e involuntariamente, as narrativas do nosso

cotidiano. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari conceituam que narrativa é “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11). Dessa forma, as narrativas aqui mencionadas são aquelas pronunciadas diariamente pelos cidadãos, no momento da interação com o território e seus semelhantes.

Em outro texto, *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*, Sodré volta a pontuar sobre o processo de comunicação e vai adiante, sinalizando a fronteira que separa o código linguístico do código extralinguístico. Conforme o autor (SODRÉ, 2010, p. 50), o primeiro está diretamente relacionado à linguagem instituída. Já o fluxo extralinguístico incorre, justamente, na tentativa de romper esse limite, com base na experiência de interação com o ambiente:

A palavra permite-nos dizer apenas aquilo que se deve dizer, isto é, o que o código linguístico autoriza. Isso implica em que a *vivência* (a totalidade expressiva de um sujeito) pessoal seja sempre maior do que a palavra. Comunicar-se verdadeiramente é tentar superar as barreiras da incomunicação, as restrições do código, e dar curso livre à vivência. (SODRÉ, 2010, p. 50).

Em uma linha de abordagem semelhante, Ciro Marcondes Filho propõe uma Nova Teoria da Comunicação e fornece pistas importantes para compreender o processo da comunicação a partir da perspectiva da complexidade. Marcondes Filho salienta que os olhares, as expressões corporais e os sentidos (como a audição e o olfato, por exemplo), compõem parte essencial desse processo. Ele também destaca a importância dos fluxos abstratos, como os sentimentos e as intencionalidades que circulam entre as pessoas. Dessa forma, o conceito de comunicação proposto por Ciro Marcondes Filho remete à construção de um espaço comum de vivência e entrelaçamento, isto é, de *diálogo*:

[...] é o que acontece *entre* as pessoas, é a atmosfera, a cena, o clima, a situação em que duas, três, cinco, dez pessoas se relacionam. [...] Entre as pessoas circula algo. Além de palavras emitidas, circulam sensações, desejos, interesses, curiosidades, percepções, estados de espírito, intuições, humores, uma indescritível sensação de ‘coisa comum’, de ligação. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 26)

Dessa forma, ao associarmos as contribuições teóricas de Muniz Sodré e Ciro Marcondes Filho, podemos perceber que as narrativas de lugar também residem nas

experiências sensoriais e subjetivas de troca com o território. São gestos, olhares, expressões corporais, aromas, ruídos e sabores. Tudo isso contribui para o processo de significação – e ressignificação – do ambiente em que estamos inseridos. Existe um grande potencial de troca. Todos esses fluxos – linguísticos ou extralinguísticos, concretos ou abstratos, corporais ou extracorporais – trazem uma possibilidade de comunicação.

### **Em movimento: perspectivas do jornalismo contemporâneo**

A partir da compreensão de que as cidades – e, no caso específico desta pesquisa, os ônibus que pelas ruas circulam – são palcos de narrativas, nos deparamos com uma nova problemática: como contar essas histórias a partir do jornalismo? É válido notar que predomina, nas redações dos veículos tradicionais de imprensa (seja ela escrita, falada ou televisionada), a preferência pelos textos objetivos, enxutos e impessoais. Trata-se do modelo da pirâmide invertida, cristalizada nas perguntas básicas do *lead* (O que? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como?). Mas será que este modelo de escrita é suficiente para contar as inúmeras histórias de vida que transitam pelos cenários urbanos?

Em relação a esse questionamento, é válido destacar a contribuição teórica de Edvaldo Pereira Lima. Ao verificar as insuficiências do modelo tradicional, calcado no racionalismo e na objetividade, o autor propõe a perspectiva do Jornalismo Literário Avançado, com a premissa básica de abandonar a “leitura preconceituosa do real” (LIMA, 2013, p. 74).

Mesmo reconhecendo a importância funcional da modalidade convencional da produção do conteúdo jornalístico, Lima propõe uma leitura de realidade que tenha outro propósito:

[...] cabe a essa modalidade afastar-se desse papel importante, mas limitado, indo ao encontro de sua própria missão nobre. Essa consiste em ler o real de maneira ampla, buscando contextos, evitando julgamentos (especialmente os apressados), caminhando para a conquista de discernimento amplo e pela elucidação dos acontecimentos e situações sociais sobre os quais debruça o seu olhar. (LIMA, 2013, p. 71)

Sendo assim, é possível perceber que essa mudança de perspectiva na linguagem jornalística está em consonância com os fluxos comunicacionais abstratos, sugeridos nas contribuições de Muniz Sodré e Ciro Marcondes Filho. Ou seja, a legitimação e o reconhecimento de uma comunicação aberta e contemporânea passam pela necessidade de uma releitura da produção jornalística e dos textos que pronunciam as histórias e percepções de mundo.

A proposta do Jornalismo Literário Avançado também contempla a necessidade de uma nova forma de observação dos acontecimentos, mais ativa e participante. Trata-se de outra maneira de vivenciar a experiência de captação do real.

Observador, observado e coisa observada transformam-se em interação sistêmica, crescem para novos níveis de compreensão. Só assim, mediante a existência própria, o jornalista terá capacidade de despertar, no leitor, os estados de percepção similares ao que vivenciou. (LIMA, 2004, p. 354).

Como efeito, no processo de captação de uma narrativa de lugar, as histórias são contadas a partir de personagens de vida, e não mais das tradicionais fontes do jornalismo convencional. Além disso, o território deixa de ocupar o papel de apenas ‘onde?’, na narrativa, e passa a ser contextualizado, ganhando autonomia e pulsando como um personagem. Compreender que as pessoas e os lugares são matrizes da realidade, portanto, nos ajuda a visualizar o jornalismo literário como um processo, e não apenas como uma fórmula de escrita, previamente estabelecida.

No mesmo caminho, é válido ressaltar a contribuição de Cremilda de Araújo Medina (2003), que parte da crítica ao modelo racional de texto jornalístico e propõe “a arte de tecer o presente”. Conforme a autora, a narrativa cotidiana, que deveria ser a matéria-prima essencial do jornalismo, acabou sendo deixada de lado pela rotina sufocante das grandes redações. Como resultado, o *potencial criativo* foi substituído, gradualmente, pela quantificação da *capacidade produtiva*. A autora completa:

Para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem presente na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo (MEDINA, 1986, p. 93).

Ao levar em consideração o mergulho no “protagonismo anônimo”, sinalizado por Medina, passamos a visualizar o caráter social da comunicação e, por consequência, do jornalismo. É aqui que nos aproximamos das considerações formuladas por Maria Luiza Cardinale Baptista, com o *Jornalismo Amoroso*.

Essa perspectiva está entrelaçada ao conceito de amorosidade defendido pelo biólogo chileno Humberto Maturana. O amor, para este teórico, deve ser encarado como o “reconhecimento do outro como legítimo outro, na convivência” (MATURANA, 1998, p. 15). Está relacionado ao que Baptista (2012) chama de ‘a ética da relação’, uma vez que “amorosidade e comunicação são palavras que representam processos de vida, absolutamente entrelaçados” (BAPTISTA, 2012, p. 96). A autora também destaca que:

As produções jornalísticas, neste sentido, resultam de processos intensos de relações e de respeito mútuo. Os textos são produzidos e discutidos em todo o seu processo, na busca de sinalizar produções que possam agradar ao leitor esperado. (BAPTISTA, 2012, p. 96).

Dessa forma, recorrermos à perspectiva de um jornalismo pautado pela amorosidade é fundamental, a fim de reconhecermos no Outro os olhares múltiplos e sensíveis, necessários para a construção de territórios mais humanos e solidários.

O entendimento de que a amorosidade é uma característica inerente à condição de *ser* humano, portanto, nos leva a compreender que as narrativas aqui mencionadas surgem para resgatar as marcas de oralidade e espontaneidade deixadas para trás pelo jornalismo das grandes corporações. É neste momento que nos deparamos com a perspectiva da relação do sujeito-território.

### **Cenários urbanos: lugares de existência**

A aproximação com os trabalhos realizados por autores como Milton Santos (2008), David Harvey (2012) e Susana Gastal (2006) nos permite visualizar as narrativas de lugar como um dispositivo capaz de acionar a matriz criativa do cidadão. Essa é uma característica que pode viabilizar o processo de releitura da realidade, tendo em vista que conhecer e pronunciar o mundo são etapas fundamentais para a sua reinvenção.

Na obra *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, Santos conceitua o *lugar* como um grande palco para o exercício pleno da existência. De acordo com ele:

É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares. (SANTOS, 2008, p. 112)

Nota-se aqui, outra sinalização importante que o autor nos deixa: os lugares carregam, de forma conjunta, características singulares e globais. Ou seja, os espaços urbanos são marcados por aspectos que os tornam diferentes entre si, mas, ao mesmo tempo, interligados pelo contexto histórico e social.

Milton Santos também aposta na capacidade criativa do cidadão, potencializada pelo caldo cultural característico dos grandes centros urbanos. Conforme o autor, o encontro de culturas proporciona o ambiente favorável ao surgimento de novas experiências estéticas, sociais e políticas:

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo as grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro. (SANTOS, 2008, p.172-173)

Ainda no que diz respeito ao potencial de criação dos sujeitos para a (re)descoberta de um novo ser e estar no mundo, devemos levar em consideração as contribuições de David Harvey. Alinhado ao pensamento marxista heterodoxo, o geógrafo britânico propõe alternativas de ocupação dos espaços públicos, em busca da reinvenção do texto-cidade.

Em artigo intitulado *The right to the city* (O direito à cidade, na tradução ao português), Harvey (2012) examina a representação urbana da exploração capitalista e incorpora elementos de natureza política/social para reivindicar o direito humano legítimo à cidade.

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e

valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. (HARVEY, 2012, p. 74)

Sendo assim, o autor lança para o cidadão o direito a reinventar a cidade, como forma legítima de reconstruir a si mesmo. Dessa forma, o processo de (re)descoberta e reinvenção encontra respaldo nas narrativas cotidianas, podendo ser visto como um dispositivo capaz de gerar leituras mais humanizadas da relação do sujeito-lugar e suas transversalidades.

Outra abordagem importante para a análise do tema pode ser observada na contribuição de Susana Gastal (2006). No livro *Alegorias urbanas: O passado como subterfúgio*, a autora discorre sobre a construção do imaginário dos centros urbanos. Ela explica que as cidades, tal como conhecemos, são um fenômeno essencialmente contemporâneo. Sendo assim, é preciso levar em consideração que seu desenvolvimento vai além dos aspectos físicos e objetivos:

Ver o espaço como fruto de uma construção social de imagens e imaginários significa admitir que os espaços diferem de cultura para cultura, ou seja, que estamos lidando no campo do significante e não apenas do significado. O espaço, assim, é passível de leitura semiótica em suas práticas, discursos, jogos textuais e superfícies: o espaço é um texto. (GASTAL, 2006, p. 82)

Dessa forma, podemos considerar que as narrativas cotidianas são fundamentais para construir e ressignificar os espaços urbanos. Conforme a autora (GASTAL, 2006), as cidades são formadas por três imaginários: Praça, Palco e Monumento. O primeiro – e o mais marcante nas cidades contemporâneas –, com origem na *Ágora* grega, diz respeito à convivência em coletividade, ao *estar-junto*. O segundo texto, Palco, se justifica na necessidade do sujeito observar e ser observado, imposta justamente pela convivência propiciada pelos centros urbanos. Já o terceiro imaginário, Monumento, surge da vocação de preservar o passado, ou seja, as memórias subjetivas de uma determinada cultura, por meio da materialização. Mais adiante, a autora corrobora:

Se a cidade é a materialização do urbano no espaço, essa materialização não se restringe aos elementos fixos: praças, monumentos, igrejas, indústrias, casas, ruas e muitos outros. Em torno e no interior dos fixos, há todo um mundo em movimento, onde circulam pessoas, mercadorias, relações

---

sociais, manifestações culturais [...]. Eles constituem os fluxos que, juntos com os fixos, formam a cidade. (GASTAL, 2006, p. 94)

Considerando o cenário já exposto (a partir da contribuição dos autores alinhados à Geografia Crítica), podemos afirmar que o conceito de cidade, na condição de *tecido urbano*, vai muito além dos aspectos físicos. É preciso, portanto, reconhecer o seu caráter abstrato, representado por meio do imaginário coletivo dos centros urbanos.

### **Dia incomum na *Linha Vermelha***

Saí de casa com o objetivo de fazer uma incursão na principal linha do transporte coletivo de Caxias do Sul, a TR-01. Popularmente conhecida como *linha vermelha* – ou apenas *ônibus vermelho*. O motivo é simples de compreender: trata-se do primeiro itinerário a utilizar essa cor de veículos. Implantada em abril de 2016, a TR-01 interliga as duas Estações Principais de Integração (EPI's), cortando a cidade no eixo Leste-Oeste. Conforme dados disponíveis no site da empresa concessionária<sup>5</sup>, a *Visate*, trata-se da linha de maior movimentação de passageiros.

Em menos de cinco minutos de caminhada, chego à da parada de ônibus localizada na Rua Sinimbu, entre as ruas Moreira César e Marechal Floriano, na região central da cidade. O local, junto à Praça da Bandeira, normalmente é de fluxo intenso, pois por ali passam as mais movimentadas linhas do transporte coletivo urbano. O cenário, no entanto, era bastante diferente naquela terça-feira, 21 de março. A greve dos funcionários da empresa responsável pelo transporte deixou as paradas de ônibus praticamente vazias.

O relógio marcava 13h40 e os ônibus acabavam de sair das garagens, após avanço na negociação entre trabalhadores e classe patronal. No ponto de ônibus, me deparei com um pequeno grupo de quatro pessoas abrigadas sob a estrutura metálica. Sentei-me em uma mureta de pedra de um dos canteiros da Praça da Bandeira e pus-me a observar aquele cenário costumeiramente pulsante. A Rua Sinimbu, localizada logo em frente à parada de ônibus, estava tomada por veículos, que se enfileiravam em longo congestionamento: um dos efeitos da paralisação.

---

<sup>5</sup> Dados Operacionais da Viação Santa Teresa (Visate). Disponível em <<http://www.visate.com.br/2012/home.php?link=Institucional&sublink=Dados%20Operacionais>> Acesso em 24 mar. de 2017.

Não tardou até o ônibus vermelho surgir, imponente, com seus 21 metros de comprimento e capacidade para cerca de 180 passageiros (sentados e de pé). O grupo embarca rapidamente. Além de mim, três mulheres e um rapaz também entram no veículo. Os termômetros de rua indicavam temperaturas que oscilavam entre 19°C e 20°C, clima considerado ameno e típico da estação pelos habitantes da região serrana do Rio Grande do Sul. O que não parece típico, no entanto, é sentar ao lado de alguém quando quase todos os assentos estão vazios. Ao menos foi essa a sensação que tive quando recebi um olhar de desconfiança da senhora que escolhi como personagem desta jornada.

A interlocutora, sentada à direita, tem as duas mãos livres, cruzadas sobre a barriga. Ela veste calças e terno marrom, acompanhada de uma camisa branca, assemelhando-se ao uniforme utilizado pelos trabalhadores de um estabelecimento localizado nas proximidades do ponto de ônibus. Ela permanece sentada ao meu lado por pouco menos de dez minutos, tempo de avançar três ou quatro paradas até o desembarque, próximo de sua moradia.

O trecho que segue reproduz parte do diálogo que tive com aquela senhora, iniciado com uma simples pergunta:

**Dia difícil, não?**

*Difícil? Nem me fale. Me atrasei meia hora com a “folia” dessa greve. Precisava chegar em casa às 13h30 para comer alguma coisa e ir pro meu segundo emprego. Sabe como é... hoje em dia a gente não pode ficar parada.*

**E a senhora vai conseguir chegar a tempo?**

*Eu sempre dou um jeito. Sempre deixo a comida pronta, à noite, antes de dormir. Agora eu chego em casa e esquento tudo ‘rapidinho’, no micro-ondas.*

**Entendi. No que a senhora trabalha?**

*Agora de manhã eu trabalho numa confecção. Faço a parte de venda das peças. O problema é que ninguém quer mais comprar roupa feita aqui, sabe. Agora vem tudo de fora, da China, da Arábia, sei lá. Só nesse ano, o patrão teve que mandar duas meninas embora. Coitadinhas. Já tinham pegado o jeito da coisa e agora vão ter que arrumar*

*outro emprego. Eu, graças a Deus, continuo firme! Mas, também, já são 12 anos de 'firma'. Eles não vão querer me mandar embora. Acho que ia sair mais caro.*

**Pois é. Eu pego sempre esse ônibus, mas nunca nesse horário. Ao contrário, a gente já teria se encontrado.**

*Sim! Eu pego sempre esse ônibus. Só ontem que tive que ir a pé pra casa. Onde já se viu ficar o dia inteiro sem ônibus? Eu 'tava' falando isso lá confecção. O prefeito novo (Daniel Guerra, PRB) parece que não está nem aí pra quem votou nele. Parecem todos iguais, sabe! Quando aperta um pouquinho é sempre a gente que sofre: é com os ônibus, é com os médicos...*

A passageira diz as últimas palavras, levantando-se do banco. Eu também me desloco, cedendo espaço para que a senhora consiga acessar o corredor do veículo, em direção à porta. “Boa sorte com esse dia corrido!”, desejo a ela, enquanto passa por mim. “*Vou precisar mesmo! Tchau, tchau.*”, responde a mulher.

Volto para meu banco anotando mentalmente os tópicos daquela conversa que acabara de ter. “Palco de narrativa”, penso eu. Em alguns instantes de rápida conversa, o jornalista em formação dá-se conta das pautas que surgem com a personagem: a dupla (ou tripla) jornada de trabalho feminina, as demissões no setor têxtil em decorrência da queda nas vendas, os efeitos econômicos da proliferação de produtos industrializados vindos do mercado asiático, o suposto descaso do poder público municipal com a questão do transporte coletivo. Todos assuntos que desfilaram em poucos minutos de conversa. Pautas que brotam das ruas – ou, no caso, dos bancos de ônibus. Fragmentos de frase que o modelo enxuto e impessoal do *lead* pode deixar de lado, mas estão vivos na complexidade do cenário urbano.

Termino meu percurso em poucos minutos, na Estação Imigrante (EPI Imigrante, região Leste de Caxias do Sul). O relógio bate 14h10 e um tom escuro começa a tomar conta do cenário – sinal da chuva que não tardaria a chegar. Me despeço do terminal embarcando em outro veículo, dessa vez em direção ao centro da cidade.

## Estação de desembarque

Contar histórias é uma arte delicada e o jornalismo, que busca nas ruas a sua matéria-prima, não pode ficar refém das rotinas industriais de produção da notícia. Apostar num jornalismo socialmente comprometido, pautado pela humanização das narrativas, significa estar atento às inúmeras transformações culturais, sociais e políticas do Brasil e da América Latina nos últimos anos.

As linhas teóricas percorridas neste texto, associadas ao relato de observação no transporte coletivo, nos trazem a percepção de que é possível repensar o espaço geográfico a partir das narrativas de lugar. A cidade é um texto complexo e os deslocamentos urbanos produzem narrativas sinalizadoras dessa complexidade. Para tanto, é fundamental recorrermos à perspectiva de um jornalismo pautado pela abordagem humanizada, a fim de reconhecermos no Outro os olhares múltiplos e sensíveis, necessários para a construção de territórios mais solidários.

## Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Jornalismo Amoroso. Quem quer (a)provar?**. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 93-118, jan. a jun. 2012.

GASTAL, Susana de Araújo. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio : tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais. São Paulo, n.29, p. 73-89, jul. a dez. 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Unicamp - Faculdade de Educação, 2004.

\_\_\_\_\_. **Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI**. INOVCOM – Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação. [S. l.], v. 5. n. 2, p. 68-78, set. 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação: Contatos antecipados com a nova teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Entrevista:** O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** Do pensamento único à consciência universal. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.